Foto: Madline Alves

Texto Andrés Malamud
Investigador no ICS-UL e no CIES - ISCTE

A democracia precisa de ideias claras

Em qualquer sociedade humana, são poucos os que mandam e muitos os que obedecem. Esta é a essência da política e, até hoje, nenhum programa revolucionário tem conseguido mudá-la. Mas nem todas as sociedades são iguais. Existem aquelas onde os governantes são donos e senhores dos seus súbditos; esta forma de organizar o poder político é chamada totalitária ou absolutista.
Existem também comunidades onde os governantes deixam o povo em paz desde que não se imiscua nas questões públicas. Chamamos a estes regimes autoritários.
Finalmente, existem as sociedades onde a maioria das pessoas é livre de intervir na discussão dos assuntos colectivos e de participar na eleição dos governantes. Eis a democracia.

Karl Popper, grande filósofo da liberdade, cunhou uma definição mais cínica mas não menos precisa. A democracia é, dizia ele, a possibilidade de os cidadãos se libertarem dos seus governantes sem derramamento de sangue.
A resolução pacífica dos conflitos é um dos maiores progressos da humanidade. E, dado que a luta pelo poder é uma das principais fontes de conflito, a democracia tem sido o invento mais engenhoso para atingir tal progresso.
Mas há inimigos da democracia. Um deles é o fanatismo. O fanático não considera legítimo que outras pessoas tenham valores diferentes. Em contraste, o princípio democrático da tolerância exige a aceitação das diferenças, desde que não interfiram com as liberdades alheias.

Contudo, um inimigo ainda mais perigoso é a fraca determinação. O regime nazi de Adolf Hitler foi produto da intolerância alemã, mas também da ignorância e falta de coragem com que o mundo lhe fez face.
Hoje há muitos aprendizes de Hitler. Alguns parecem inofensivos, como o presidente venezuelano Hugo Chávez. Outros são mais perigosos, como o presidente iraniano Ahmadinejad. O argumento dos intolerantes é muito simples: o inimigo é culpado pelo que é, não pelo que faz. Portanto, não é redimível e tem que ser eliminado.
Isto já aconteceu há sessenta anos e a Europa foi culpada. O importante é que tenha aprendido a lição e não repita o erro.